

# REVISÃO

# 4

agosto 67 / depto. de publicações / gffclusp

## U. N. E.

teoria e prática

## CHINA

revolução cultural

## CRISE

economia brasileira

## F.A.L.N.

luta armada  
na Venezuela

## CAIO

entrevista

## LIVROS

análise



### GRATIFICACION

A LA PERSONA QUE ENTREGÓ O DAS BAYES QUE ORDENARON  
A LA IMPRESA DE LOS DOCUMENTOS "LARGUEZOS", TEXAS  
MANTENIDOS POR EL GOBIERNO NACIONAL EN:

- 1.—DOYALDA BUSTO (1) Cuba, España, México, Suiza, Uruguay
- 2.—BERNARDO LOTO (1) Argentea Su. URUGUAY
- 3.—ALEJANDRO MARINOS (1) Rio de Janeiro Su. URUGUAY
- 4.—CLAY WARRITT GARDNER (1) Berlín Su. URUGUAY
- 5.—SALVADOR TERESA BETES (1) Porto Su. URUGUAY
- 6.—JOSÉ MARCELO (1) Santiago Su. URUGUAY
- 7.—ALBERTO BARRERO (1) Chile Su. URUGUAY
- 8.—JULIO BARRERO (1) Porto y Chile Su. URUGUAY
- 9.—MIGUEL PEROLA (1) Brasil Su. URUGUAY
- 10.—ARIBON RODRIGUEZ MARTO Su. URUGUAY
- 11.—MILTON BARREROS Su. URUGUAY
- 12.—RUBEN OYALAR Su. URUGUAY
- 13.—RUBEN TRAY Su. URUGUAY
- 14.—PERABETH MARCELA Su. URUGUAY
- 15.—ROSAUTO ANAST Su. URUGUAY
- 16.—FELIX MARTINEZ SEGAL Su. URUGUAY

# Revista Revisão entrevista Caio Prado Júnior

*Revisão* publica uma entrevista com o escritor Caio Prado Júnior, realizada no primeiro semestre deste ano. Desta entrevista gravada, o jornal *AMANHÃ* (hoje fora de circulação) publicou alguns trechos no seu número 5. Posteriormente, o Prof. Caio Prado Jr.(sic) realizou uma palestra no Grêmio da Filosofia-USP. Nossos colegas levantaram muitas questões fundamentais, que, em geral, são as mesmas que esta entrevista reproduz. Caio Prado Júnior é um dos principais autores da história do Brasil (*História Econômica do Brasil, Formação do Brasil Contemporâneo* etc.), além de outros trabalhos no campo da Geografia e da Filosofia. Era um dos diretores da *Revista Brasiliense*. Ultimamente publicou o ensaio “A Revolução Brasileira”. As opiniões expressas nesta entrevista são as mesmas que se encontram mais desenvolvidas nesta última obra, e que têm suscitado muita polêmica entre as esquerdas em geral e, em particular, entre os universitários que militam no Movimento Estudantil. (Nota da Redação).

## **1. Qual a sua posição como historiador, frente à historiografia oficial?**

Esta é uma questão muito genérica. Por exemplo, um historiador como Sérgio Buarque de Holanda, bastante influenciado pelo marxismo, embora não sendo marxista, realiza uma análise histórica muito boa.

## **2. Em que medida seu método de análise da realidade brasileira difere dos historiadores marxistas, como, por exemplo, Nelson Werneck Sodré?**

É uma questão difícil e profunda. Nelson Werneck Sodré acompanha, mais ou menos, o meu ponto de vista. Isto porque o marxismo vê a história como um processo e não como uma série de compartimentos estanques. Divergimos em relação ao feudalismo. Sou radicalmente contrário a esta interpretação, a meu ver, errônea: teoricamente falha e praticamente prejudicial. Nelson Werneck não analisa em profundidade a estrutura econômica brasileira e o que caracteriza o feudalismo são as relações de produção e trabalho, como procuro deixar claro em meus livros. Na agricultura brasileira, após analisar sua estrutura econômica,

demonstro que, nas relações de trabalho, o que predomina são as relações de emprego. Os trabalhadores rurais recebem seu salário em dinheiro e isto acontece nas principais culturas brasileiras, como a da cana de açúcar, café etc. Em outras, como a do algodão, existe uma certa meação, mas não a meação típica, que corresponde à parceria, e sim uma forma de pagamento. Isto é muito importante porque determina a orientação que deve ser dada às reivindicações, à luta revolucionária.

**3. Qual é o significado do seu livro *A Revolução Brasileira* no conjunto de sua obra?**

Representa uma continuidade do mesmo ponto de vista. Trata mais do aspecto prático do problema, enquanto os outros tratam do aspecto teórico.

**4. Acha que seu livro está encaixado dentro do processo revolucionário?**

Acho que sim. Desde o golpe de 1964 e de toda aquela campanha anterior, os fatos vinham demonstrando que trilhávamos um caminho errado, porque a “revolução”, embora fosse uma coisa mínima, abafou o movimento de uma hora para outra. Evidentemente, aquela agitação era muito superficial, do contrário não teria desaparecido assim, do dia para noite.

**5. Com vê a repercussão de *A Revolução Brasileira* no meio da esquerda e da intelectualidade?**

Ainda estou esperando. Aliás, terminei uma resposta a um trabalho muito bom, que saiu publicado na revista *Civilização Brasileira* e aproveitei para desenvolver teses que já estão na *Revolução Brasileira*.

**6. Em seu último livro, criticou principalmente o reformismo do PCB. Não criticou nenhuma outra organização de esquerda?**

Não, eu falei genericamente, porque existem vários “PCs” (Partidos Comunistas). Mas há muita dispersão. Em geral, com pequenas exceções, toda esquerda participou desta política, ou seja, criou uma burguesia progressista, que seria um setor revolucionário da burguesia. Tratar-se-ia então, de defender os interesses, a posição econômica e política desta burguesia progressista e isto faria “avançar” a revolução brasileira, eliminando o feudalismo. É uma questão interligada: daí o oportunismo, uma política caudatária desse setor burguês, quando isto não existe. Não existe esta burguesia. Naturalmente, alguns setores são mais capazes, outros menos, mas todos têm a mesma finalidade, os mesmos objetivos, os mesmos processos e métodos de ação.

**7. E as outras organizações de esquerda? Acha que estão englobadas pelo PCB ou conseguiram superá-lo?**

Não conheço muito bem a posição dos outros grupos de esquerda, pois a sua literatura é relativamente pequena e tem distribuição bastante precária, de maneira que apenas excepcionalmente é que me chega às mãos alguma coisa. Assim, não sei exatamente qual é a posição deles, sobretudo neste momento. Mas em geral, a orientação fundamental sempre foi a mesma, não havendo uma teoria nova. Há, isto sim, a distinção de alguns grupos favoráveis à luta de guerrilhas, mas trata-se de uma questão de método de ação e não de objetivos ou de teoria de revolução.

**8. Alguns setores da intelectualidade afirmam que seu livro criou um neo-reformismo. Qual a sua posição?**

Desconheço esta crítica. Mas há uma diferença fundamental: neste momento, por exemplo, o PCB defende o desenvolvimentismo, ataca as medidas do governo, às quais reputam de antidesenvolvimentistas, propõe a facilitação do crédito para auxiliar o desenvolvimento da burguesia. Sou contra esta política, porque é puramente burguesa. Não vejo por que dizer que esta posição é neo-reformista. O neo-reformismo é muito mais dessa política do PC, porque a função de um partido comunista não é a de defender os interesses da burguesia. É isto que o PC está fazendo.

**9. Qual a participação que devem ter, no processo revolucionário brasileiro, o proletariado urbano, os trabalhadores rurais e a pequena-burguesia?**

Fundamentalmente, acredito que a orientação e o exemplo têm que partir do proletariado urbano. Porém, a massa principal, não há dúvida que é a massa dos trabalhadores rurais. A conjuntura do campo brasileiro será totalmente modificada à medida que for sendo aplicada a Legislação Trabalhista, que, hoje em dia, não é praticamente aplicada. Esta aplicação depende de uma luta longa e intensa, como a que se realizou quando da aplicação das Leis Trabalhistas nos centros urbanos.

**10. A Revolução Brasileira terá uma solução pacífica ou armada?**

Isto nunca se sabe. Não sou profeta, nem sei qual a maneira prática de realizar a Revolução. A luta é em torno de reivindicações, em torno de certos objetivos concretos a que se propõe. Se for possível conseguir estes objetivos através de meios pacíficos, a revolução será sem luta

armada. Caso contrário, se a resistência se revelar muito grande, a luta armada será, evidentemente, a única solução. A existência ou não da luta armada depende das circunstâncias do momento, da situação tal com ela se apresenta.

### **11. O processo revolucionário brasileiro difere muito do processo revolucionário latino-americano e do mundo subdesenvolvido em geral?**

Cada um tem, é claro, suas características inteiramente distintas. Não há termo de comparação entre as situações sociais, econômicas e políticas de países da África e da Ásia, com a América Latina. Dentro da própria América Latina existem diferenças regionais. Do Chile até a América Central existe a o problema indígena, o qual inexistente no Brasil. A Bolívia, por exemplo, tem 80% de sua população composta por indígenas, sendo que pelo menos a metade destes nem sequer falam espanhol. Evidentemente a revolução, lá, se propõe de uma maneira completamente diferente daqui. Inclusive na Bolívia, por exemplo, há quem sustente a existência de uma luta nacional dos indígenas contra os conquistadores espanhóis, até hoje. Cada país tem seu caráter específico bastante profundo, não sendo possível colocá-los num único plano.

### **12. Alguns teóricos englobam toda a América Latina num só processo de luta armada. Qual a sua opinião a respeito?**

Realmente, muitos falam disso. Mas como disse, há diferenças regionais. As guerrilhas aqui no Brasil têm resultado num fracasso. Já na Bolívia, quando lá estive, em novembro-dezembro do ano passado, havia uma grande movimentação camponesa. Eles tomavam as terras dos proprietários e, onde havia resistência, a luta se transformava numa guerrilha. No Brasil, não há nenhum indício de que isso possa acontecer.

### **13. Como vê o movimento estudantil no Brasil, com respeito à revolução brasileira socialista?**

Creio que tem um papel considerável já que é o setor mais sensível à necessidade de reformas e transformações no país. Enquanto em outros setores verifica-se uma certa apatia, sem agitação, no movimento estudantil, pelo contrário, existe uma vitalidade política muito grande, constituindo um fator importantíssimo na vanguarda revolucionária do momento. Claro que não acredito que os estudantes sejam os possíveis líderes da revolução, mas acho que têm condições de estimularem o proletariado urbano e rural para que iniciem sua luta. Agora,

como guerrilheiros, não acredito. Vocês, que são estudantes, vêem a possibilidade de um grupo de estudantes se armarem e se tornarem guerrilheiros?

**14. Qual a tarefa da esquerda no Brasil, num plano mais imediato?**

A esquerda representa os setores da população mais desfavorecidos no momento atual (operariado, trabalhadores do campo, pequena burguesia). Naturalmente, ela representa a vanguarda desses setores e é sua a direção do movimento revolucionário. Porém a esquerda, que teria que fazer alguma coisa, não o faz porque não possui uma teoria consistente, nem um objetivo muito claro.

**15. E qual seria este objetivo?**

Acredito que, no momento, o que se coloca mais imediatamente é a organização no campo. É a tarefa mais fecunda, porque é a mais fácil: já começa a haver uma acentuada conscientização do trabalhador rural, o qual já está lutando por seus direitos, embora de uma forma imperfeita e desorganizada. A organização deve vir de fora e é neste sentido que considero importante a participação dos setores urbanos, operários e estudantes.

**16. Que pensa acerca do imperialismo?**

O imperialismo oprime o conjunto do país e não propriamente a burguesia. Esta, ao contrário, tem se dado muito bem com os monopólios estrangeiros. Basta ver que a maior parte dos negócios imperialistas no Brasil são realizados em aliança ou ligação com setores da burguesia. Aqui no Brasil, fundamentalmente, o imperialismo age no sentido de explorar o mercado interno. É preciso distinguir o tipo de ação imperialista: na Bolívia, por exemplo, interessa-lhes o estanho do qual ela é o segundo produtor mundial. Durante quinze anos o imperialismo sustentou o regime de Paz Estenssoro, regime tremendamente demagógico, que desorganizou a vida econômica boliviana, mantido pelos 25 milhões de dólares anuais que os norte-americanos lhes davam, e continuam dando. No Brasil, os Estados Unidos possuem algum interesse em certas matérias-primas brasileiras, mas o fundamental é seu interesse nas grandes empresas, cuja finalidade é colocar sua produção no mercado interno. Evidentemente, o imperialismo necessita de um regime estável, social e politicamente, para poder ter receptividade neste mercado. O imperialismo, conforme o lugar, é representado por um tipo de organização de interesses econômicos.

**17. No mundo subdesenvolvido em geral e em particular na América Latina, tem ocorrido uma série de golpes de Estado. Com é que situa isto dentro do esquema imperialista mundial?**

Isto é uma simplificação do problema. Não atribuo a ocorrência de golpes de Estado ao imperialismo. Este aproveita-se de situações internas já existentes; no golpe ocorrido aqui no Brasil, evidentemente, o imperialismo deu sua colaboração, mas não o provocou.

**18. Estes golpes não estão ligados à contradição fundamental entre o capitalismo e o socialismo?**

Em última instância, sim. Creio que todos os fatos que ocorrem no mundo estão, direta ou indiretamente, ligados a essa transformação, ou seja, à passagem do capitalismo para o socialismo. Não se pode atribuir cada fato à ação direta do imperialismo.

**19. Pode o capitalismo resolver o problema do Brasil?**

Nós alcançamos o capitalismo numa fase em que este já estava imensamente desenvolvido. Ficamos tão atrasados, que não podemos “pegar o bonde”. Teremos que utilizar outros processos. O capitalismo não pode proporcionar um desenvolvimento ao Brasil, devido à contradição entre o baixo poder aquisitivo do proletariado e a necessidade de um mercado interno muito desenvolvido.

**20. A burguesia brasileira se integrou no esquema imperialista?**

Em grande parte, sim. A penetração imperialista no Brasil favoreceu muito o desenvolvimento da burguesia, não há nenhuma dúvida. A indústria automobilística, por exemplo, que exigiu a criação de uma série de atividades auxiliares, proporcionou um grande aumento nos negócios possíveis.

**21. Qual é a importância da organização da classe operária?**

Acho que a organização do proletariado é uma tarefa de fundamental importância. Porém, como a grande massa da população brasileira é constituída pelos trabalhadores do campo, cuja organização ainda está num estágio primaríssimo, este é o principal setor a ser trabalhado. Não quero dizer com isto que devemos abandonar o trabalhador urbano, tanto mais, que é o exemplo, o estímulo e a influência das organizações operárias das cidades é que poderão desenvolver um movimento no campo.

**22. Acredita que a aplicação das Leis Trabalhistas no campo melhoraria a situação dos trabalhadores urbanos?**

Claro que sim, porque diminuiria a concorrência dessa mão-de-obra barata, que se desloca dos campos para as cidades, desvalorizando a mão-de-obra urbana.

**23. Como se daria a aliança operário-camponesa? Através dos sindicatos?**

Exatamente. No Brasil, há uma situação curiosa, que é muito diferente da situação europeia quando se iniciou a Revolução Industrial e a implantação do capitalismo, no século passado. Aqui, a proletarização é um avanço. Para o trabalhador rural, a vinda para a cidade representa um progresso, pois o coloca em nível social e econômico-financeiro superior. O que representa, para ele, uma melhoria de condições de vida, representa, para o trabalhador urbano, uma concorrência.

**24. Qual a necessidade social que implicou na instalação de uma ditadura militar aberta?**

A burguesia recorreu aos militares porque as Forças Armadas constituem, sem sombra de dúvida, um dos poucos elementos com um mínimo de organização, no país. Depois, possuindo a força das armas, é mais fácil dar um golpe de Estado e estabelecer um novo regime político.

**25. Como criar Sindicatos Rurais fora da tutela governamental?**

Nós, aqui no Brasil, tivemos o exemplo do petróleo. Qualquer pessoa que porventura tocasse na palavra “petróleo” era imediatamente tachada de comunista, era presa, espancada. A luta foi tremenda, durou anos, mas afinal foi conseguida. O sindicato é sempre uma semente. É o começo da ação. O operário sindicalizado já possui uma consciência muito maior do que aquele que nunca teve contato com alguma organização sindical e viveu isolado em sua casa.

**26. Não pode haver nenhum outro tipo de organização?**

Eu não acho.

**27. Seria correto (*sic*) a formação de um organismo ilegal no campo?**

A ilegalidade tem uma porção de graus. A organização do sindicato, em si, não é ilegal, se o sindicato é reconhecido por lei. Evidentemente, alguém que for organizar um sindicato corre o risco de ser preso. Mas a luta consiste nisso. A polícia pode reprimir uma tentativa de organização sindical em uma cidade, duas ou três; mas quando começam a surgir em toda a parte, será impossível a repressão.



**28. A burguesia tem se utilizado dos sindicatos?**

Realmente. Esta foi a grande política de Getúlio Vargas, que legalizou o movimento operário, em vez de combatê-lo frontalmente. Com isso, ele conseguiu canalizar para si o apoio da classe operária, sendo este, aliás, um dos grandes fatores negativos da revolução, no Brasil. Por outro lado, este fato apresentou seus aspectos positivos, pois deu aos trabalhadores uma consciência, antes inexistente.

**29. As “Ligas Camponesas” foram a melhor forma de organização que houve, até hoje, no campo brasileiro?**

Não creio. Há muita confusão sobre este assunto. Foi um movimento muito restrito e o grande movimento, em Pernambuco, antes do golpe, foi um movimento sindical, de organização sindical.

**30. Os trabalhadores rurais brasileiros reivindicam a posse da terra?**

Claro que sim, mas dentro do caráter de seu próprio movimento. A reivindicação da posse da terra, a luta pela terra, no Brasil, é ainda insignificante. Há pouco eu citava o caso da Bolívia e do Peru, onde realmente existe uma intensa luta pela posse da terra. Aqui, a reivindicação é mais de emprego, uma reivindicação trabalhista.

**31. Os trabalhadores podem chegar ao poder pela via pacífica, ou não?**

Não sei. Acredito que pode ser através de uma forma ou de outra. Mesmo a luta armada tem uma porção de graus: vai desde o choque de rua até a guerra civil. Na Tchecoslováquia, por exemplo, não houve luta armada.

**32. Mas na Tchecoslováquia não houve uma imposição por parte de um exército?**

Não. Foi o povo que se armou e impôs o socialismo.

**33. Mas se o povo se armou, isto não representa luta armada?**

Não houve tiros, nem nada.

**34. Qual a solução para este problema?**

Não devemos discutir a forma de luta, e sim começar a lutar. Depois, são as contingências do momento que vão indicar que espécie de luta se vai fazer. Se se dissesse, concretamente, que existem em São Paulo trinta ou cinquenta mil trabalhadores dispostos a pegar em armas e tomar o poder, é evidente que a nossa tarefa é arranjar armas para estes operários e ajudá-los a tomar o poder. Mas não adianta programar a luta armada, se não existem os elementos capazes de concretizá-la. A forma de ação é determinada pelas circunstâncias e condições do momento.